

Virginia Woolf
O leitor comum

PRIMEIRO VOLUME

Tradução
Marcelo Pen e Ana Carolina Mesquita

TORDSILHAS

2023

Sumário

Prefácio – As reencarnações de Virginia Woolf: ensaísmo,
leitura e modernidade 9

Nota sobre a tradução 25

O leitor comum 29

Os Pastons e Chaucer 31

Sobre não saber grego 51

O quarto de despejo elisabetano 65

Notas sobre uma peça elisabetana 73

Montaigne 83

A duquesa de Newcastle 93

Em torno de Evelyn 103

Defoe 111

Addison 119

A vida dos obscuros 129

I. Os Taylors e os Edgeworths 130

II. Laetitia Pilkington 138

III. Srta. Ormerod 143

Jane Austen	153
Ficção moderna	163
<i>Jane Eyre e O morro dos ventos uivantes</i>	171
George Eliot	177
O ponto de vista russo	187
Esboços	197
I. Srta. Mitford	197
II. Dr. Bentley	202
III. Lady Dorothy Nevill	207
IV. Arcebispo Thomson	212
O patrocinador e o croco	217
O ensaio moderno	221
Joseph Conrad	231
O que impressiona um contemporâneo	239
Notas	249
Índice	278

O leitor comum

Há uma frase em “A vida de Gray” do dr. Johnson¹ que bem poderia estar escrita em todas as salas humildes demais para serem chamadas de bibliotecas, apesar de repletas de livros, onde gente anônima se lança à leitura:

29

[...] sinto regozijo em identificar-me com o leitor comum; pois é o senso comum dos leitores, não corrompido por preconceitos literários, para além de todos os refinamentos da sutileza e do dogmatismo da erudição, que em última instância deve presidir sobre qualquer pretensão às honras poéticas.

Ele define suas qualidades; dignifica seus fins; concede a uma atividade que, embora devore um tempo imenso, tende a não deixar atrás de si nada de muito substancial, a sanção desse grande homem.

O leitor comum, como sugere o dr. Johnson, difere do crítico e do acadêmico. Não é tão educado, e a natureza não lhe foi pródiga em talentos. Lê por prazer e não para destilar conhecimento ou corrigir a opinião alheia. É guiado acima de tudo pelo instinto de criar sozinho, a partir das miudezas incongruentes que lhe aparecem, alguma espécie de todo: o perfil de um homem, o esboço de uma época, uma teoria da arte da escrita. Jamais cessa de, à medida que lê, fabricar uma trama frouxa e flácida que lhe dê a satisfação temporária de ser próxima o bastante do objeto original para

suscitar afeto, riso e discussão. Apressado, impreciso e superficial, agarrando aqui este poema, acolá aquela farpa de móvel velho, sem dar a mínima para onde os encontra ou qual a sua natureza, desde que sirvam para dar contorno à sua estrutura, suas deficiências como crítico são óbvias demais para mencionar; mas, se ele possui, como sustentava o dr. Johnson, certa voz na distribuição final das honras poéticas, então talvez valha a pena registrar algumas ideias e opiniões que, mesmo insignificantes, contribuem para tão imponente resultado.

AMOSTRA

Os Pastons e Chaucer¹

A torre do castelo de Caister ainda assoma a 30 metros de altura, e continua de pé a arcada de onde as barcaças de Sir John Fastolf² zarparam em busca de rochas para construir o grande castelo. Hoje, porém, gralhas-de-nuca-cinzenta fazem seus ninhos na torre, e do castelo, que um dia cobriu 24 mil metros quadrados, restam apenas ruínas de muralhas esburacadas e encimadas por ameias, apesar de não haver nem arqueiros ali dentro, nem canhão lá fora. Quanto aos “sete homens religiosos” e “sete camponeses pobres” que deveriam, neste exato momento, estar rezando pela alma de Sir John e de seus pais, deles não se vê sinal nem se ouvem suas preces. O local está em ruínas. Os antiquários especulam e discordam.

Não muito longe dali, jazem mais ruínas: as do priorado de Bromholm, onde naturalmente John Paston³ foi enterrado, dado que sua casa ficava a não mais que uns 2 quilômetros de distância, em uma planície à beira-mar, 40 quilômetros ao norte de Norwich. É uma costa perigosa, e o interior, inacessível, até mesmo nos dias de hoje. Apesar disso, o pedacinho de madeira em Bromholm, um fragmento da verdadeira Cruz, não cessava de atrair peregrinos até o Priorado... e de os trazer de volta com olhos abertos e membros apumados. Mas, de olhos recém-abertos, alguns deles tiveram uma visão que os deixou em choque: o túmulo sem lápide de John Paston, no priorado

de Bromholm. A notícia se espalhou pelo interior. Os Pastons tinham caído em desgraça; antes tão poderosos, não eram mais capazes sequer de pagar por uma lápide para colocar sobre a cabeça de John Paston. Margaret, a viúva, não tinha como pagar as dívidas; o filho mais velho, Sir John, dilapidara a propriedade com mulheres e torneios, enquanto o caçula, outro John, apesar de ser um homem de maiores talentos, dava mais importância a seus falcões do que às colheitas.

Claro que os peregrinos eram mentirosos, como aqueles cujos olhos foram recém-abertos por um pedacinho da verdadeira Cruz têm todo o direito de ser; apesar disso, a notícia que trouxeram foi bem-recebida. Os Pastons haviam vindo de baixo. Dizia-se até mesmo que tinham sido servos não muito tempo atrás. De todo modo, homens que ainda estavam vivos lembravam que o avô de John, Clement, cultivara a própria terra — um camponês esforçado —; e que William,⁴ filho de Clement, tornara-se juiz e comprara terras; e que John, filho de William, fizera um bom casamento, comprara mais terras e, um tanto recentemente, herdara o imenso castelo novo em Caister, bem como todas as terras de Sir John em Norfolk e Suffolk. Dizia-se que forjara o testamento do velho cavaleiro. Alguma surpresa, então, que tenha acabado ficando sem lápide? Se considerarmos o caráter de Sir John Paston, o filho mais velho de John, bem como sua criação, seu entorno e as relações entre ele e seu pai tal como o revelam as cartas da família, veremos o quanto a questão era difícil e o quanto era provável que acabasse sendo mesmo negligenciada: a saber, providenciar uma lápide para o pai.

Pois vamos imaginar, na região mais desolada da Inglaterra já conhecida até o momento, uma casa recém-construída e sem acabamento, sem telefone, banheiro ou ralos, poltronas ou jornais, mas, talvez, com uma estante de livros, pesada de se manejar, cara de se conseguir. As janelas abrem-se para alguns campos cultivados e uma dúzia de choupanas, e mais além vê-se o mar de um lado e, do outro, um vasto pântano. Uma estrada solitária atravessa o pântano, mas nela existe um buraco que, segundo relata um dos camponeses, é grande o suficiente para engolir uma carruagem. Além disso, o homem acrescenta que Tom Topcroft, o pedreiro maluco, mais uma vez perdeu as estribeiras e vaga pelos campos seminu, ameaçando matar qualquer um que se aproxime dele. Esse é o assunto das conversas ao jantar na casa desolada, enquanto a chaminé enfumaça tudo horrivelmente e o vento encanado ergue

os tapetes do chão. Há ordens de trancar os portões ao pôr do sol, e, quando a longa e terrível noite se desgasta, simples e solene, esses homens e mulheres rodeados de perigos ajoelham-se em prece.

No século XV, entretanto, a paisagem inóspita era interrompida súbita e muito estranhamente por vastas pilhas de casas novinhas em folha. Dos montes de areia e charnecas da costa de Norfolk, erguia-se uma gigantesca construção de pedra, parecendo um hotel moderno num balneário; porém não havia desfiles, hospedarias ou píer em Yarmouth naquela época, e tal edificação gigantesca nos arredores da cidade fora construída para abrigar um único e solitário fidalgo, idoso e sem filhos: Sir John Fastolf, que combatera em Agincourt e amealhara grande riqueza. Combatera em Agincourt, sim, mas quase nada recebera em retorno. Ninguém seguia seus conselhos. Os homens o caluniavam pelas costas. Ele bem o sabia; mas nem por isso seu temperamento se abrandava. Era um velho irascível, poderoso, amargurado pelo ressentimento. Mas, fosse no campo de batalha ou na corte, estava perpetuamente pensando em Caister e em como, caso seus deveres lhe permitissem, ele se assentaria na terra do seu pai e moraria em uma casa senhorial construída por suas próprias mãos.

A gigantesca estrutura do castelo de Caister estava em construção a não muitos quilômetros de distância dali quando os pequenos Pastons ainda eram crianças. John Paston, o pai, era responsável por parte dos trâmites, e, desde que os filhos passaram a ser capazes de escutar alguma coisa, ouviam falar de rochas e construções, de barcaças que partiram a caminho de Londres, mas ainda não tinham regressado; dos 26 cômodos privados, do saguão e da capela; de fundações, medições e trabalhadores malandros. Mais tarde, em 1454, quando a obra já fora concluída e Sir John agora passava seus últimos anos em Caister, eles talvez tivessem visto com seus próprios olhos o volume de tesouros ali abrigado; as mesas postas com pratarias e utensílios de ouro; os armários repletos de vestidos de veludo, cetim e brocado, de capuzes, cachecóis e chapéus de pele de castor, de jaquetas de couro e gibões de veludo; e visto que as fronhas dos travesseiros eram de seda verde e roxa. Tapeçarias espalhavam-se por toda parte. As camas estavam sempre arrumadas e as paredes dos quartos exibiam tapeçarias representando cenas de cercos, de caçadas e falcoaria, de homens pescando, de arqueiros atirando, de damas tocando suas harpas ou passeando com patos, ou de um gigante

“segurando a pata de um urso”.⁵ Esses eram os frutos de uma vida bem vivida. Comprar terras, construir grandes casas senhoriais, encher essas casas de ouro e prata (embora a latrina pudesse muito bem estar instalada dentro de um quarto) eram os objetivos característicos da humanidade. O senhor e a senhora Paston gastaram a maior parte de suas energias nessa ocupação exaustiva. Pois, uma vez que a paixão de adquirir coisas era universal, nunca se podia quedar sossegado com os próprios bens por muito tempo. As cercanias da propriedade de uma pessoa estavam sob constante ameaça. O duque de Norfolk poderia cobiçar esta mansão, o duque de Suffolk, aquela outra. Qualquer desculpa inventada, como, por exemplo, que os Pastons eram vassallos, dava-lhes o direito de apoderar-se da casa e pilhar as acomodações na ausência do proprietário. E como poderia o dono de Paston e Mauteby e Drayton e Gresham estar em cinco ou seis lugares ao mesmo tempo, especialmente agora que o castelo de Caister era dele e ele precisava estar em Londres para tentar convencer o rei a legitimar os seus direitos? Além de tudo, o rei estava louco, diziam; não reconhecia o próprio filho, diziam; ou então o rei estava fugindo; ou alguma região vivia uma guerra civil. Norfolk era sempre o mais transtornado dos condados, e os fidalgos da região, os mais brigões da humanidade. Sim, tivesse a sra. Paston podido escolher, teria contado aos filhos como, quando ela era moça, mil homens com arcos e flechas e panelas de fogo incandescente marcharam sobre Gresham, arrebentaram os portões e abriram buracos nas paredes do quarto onde ela estava sozinha. Mas coisas muito piores do que essa aconteciam com as mulheres. Ela não lastimava sua sorte, tampouco se considerava uma heroína. As longuíssimas cartas que escrevia tão laboriosamente, com sua letra clara e apertada, para o marido, que estava (como sempre) ausente, não mencionavam a si mesma. Os carneiros tinham destruído o feno. Os homens de Heyden e Tuddenham estavam ausentes. Um dique se rompera e um boi fora roubado. Precisavam com urgência de melaço, e ela necessitava muito de tecidos para um vestido.

Mas a sra. Paston jamais falava de si mesma.

Portanto, os pequenos Pastons viam a mãe redigir ou ditar cartas longuíssimas, uma página após a outra, uma hora após a outra; porém interromper um pai ou mãe que escreve tão laboriosamente sobre questões de tamanha importância devia ser um pecado. A tagarelice dos filhos, a sabedoria do quarto de dormir das crianças ou do seu quarto de estudos não tinham lugar

naquelas comunicações elaboradas. Em sua maioria, suas cartas são as cartas de um meirinho honesto para seu chefe, explicando, pedindo conselhos, dando notícias, fazendo relatos. Houvera roubos e carnificina; dificuldades em conseguir o pagamento dos aluguéis; Richard Calle mal conseguira azeitar um dinheiro de nada; e, entre uma coisa e outra, Margaret não tivera tempo de realizar, como deveria, o inventário dos bens que seu marido solicitara. A velha Agnes, inspecionando à distância um tanto duramente os afazeres do filho, deve muito bem tê-lo aconselhado a planejar esse inventário, “para que tenhais menos o que fazer no mundo; vosso pai já disse: Onde há poucos afazeres, há muito descanso. O mundo não passa de uma estrada, cheia de infortúnio; e, ao partirmos dela, nada levaremos conosco a não ser nossas boas ações e malfeitos”.⁶

A ideia da morte devia, portanto, chegar-lhes num estalo. O velho Fastolf, assoberbado de riquezas e propriedades, teve uma visão de si mesmo no fogo do Inferno e berrou com os executores de seu testamento para que distribuíssem esmolas e providenciassem que fossem feitas orações *in perpetuum*, de modo que sua alma pudesse escapar das agonias do purgatório. William Paston, o juiz, também solicitou urgentemente que reservassem os monges de Norwich para rezarem pela sua alma “para sempre”. A alma não era nenhum fiapo de ar, mas um corpo sólido sujeito ao sofrimento eterno, e o fogo que a destruíra era tão implacável quanto os que ardiavam em qualquer grelha mortal. Para sempre deveria haver monges e a cidade de Norwich, e para sempre a Capela de Nossa Senhora na cidade de Norwich. Existia qualquer coisa de pragmática, positiva e duradoura na concepção que eles possuíam tanto da vida quanto da morte.

Uma vez que o plano da existência era tão vigorosamente demarcado, as crianças eram, claro, surradas, e os meninos e as meninas, ensinados a conhecer seu lugar. Deviam adquirir terras; mas deviam obedecer aos pais. Uma mãe golpeava a cabeça da filha três vezes por semana até lhe abrir a pele caso ela não se comportasse segundo as regras. Agnes Paston, uma dama de nascimento e criação, batia na filha Elizabeth. Margaret Paston, mulher de coração um pouco mais mole, expulsou a filha de casa por amar o meirinho honesto Richard Calle. Os irmãos não toleravam que as irmãs se casassem mal, para “ir vender doce e mostarda em Framlingham”.⁷ Os pais brigavam com os filhos, e as mães, mais afeiçoadas aos meninos que às meninas, contudo

obrigadas pelas leis e pelos costumes a obedecer aos maridos, despedaçavam-se por dentro no esforço de manter a paz. Com todas as suas dores, Margaret não conseguiu impedir os atos temerários do filho mais velho, John, nem as palavras amargas com que seu pai o denunciou. Ele era um “zangão entre as abelhas”, explodiu o pai, “que trabalham para coletar o mel nos campos, enquanto o zangão nada faz a não ser apanhar a sua cota”.⁸ Tratava os pais com insolência, e, no entanto, não era talhado para nenhum cargo de responsabilidade fora dali.

Mas a briga se encerrou, de modo muito abrupto, com a morte (no dia 22 de maio de 1466) de John Paston, o pai, em Londres. O corpo foi trazido até Bromholm para ser enterrado. Doze pobres coitados arrastaram-se penosamente ao lado do caixão levando archotes. Distribuíram-se esmolas; rezaram-se missas e entoaram-se nênias. Tocaram-se sinos. Imensas quantidades de aves, carneiros, porcos, ovos, pães e creme foram devoradas, bebeu-se cerveja e vinho, velas foram acesas. Dois painéis foram retirados das janelas da igreja para aliviar o fedor dos archotes. Distribuíram-se tecidos pretos, e deixaram uma luz acesa no túmulo. Mas John Paston, o herdeiro, adiou as providências da lápide para o pai.

36

Era um rapaz jovem, com pouco mais de 24 anos de idade. A disciplina e a labuta da vida no campo o entediavam. Quando fugiu de casa, foi, aparentemente, para tentar integrar o círculo íntimo do rei. Apesar de toda a desconfiança que possa de fato ser lançada quanto ao sangue dos Pastons pelos seus inimigos, Sir John era sem dúvida um fidalgo. Herdara terras; dele era o mel que as abelhas tinham coletado com tanto suor. Possuía os instintos do desfrute e não os do acúmulo; e à parcimônia da mãe estranhamente se misturava um pouco à ambição do pai. No entanto, o seu próprio caráter indolente e suntuoso abrandava tanto um traço como o outro. Era atraente para as mulheres, gostava da alta sociedade e dos torneios, da vida na corte e de fazer apostas, e, às vezes, até mesmo de ler livros. E, portanto, a vida, agora que John Paston estava enterrado, recomeçava sob uma base diferente. Talvez de fato pouca coisa tenha mudado externamente. Margaret ainda ditava as ordens na casa. Ainda governava a vida dos filhos mais novos, da mesma maneira como governara a dos mais velhos. Os tutores ainda precisavam bater nos meninos para que estudassem, as meninas ainda se apaixonavam pelos homens errados e precisavam se casar com os certos. Era preciso coletar

os aluguéis; o processo interminável da propriedade de Fastolf se arrastava. Batalhas eram travadas; as rosas de York e Lancaster alternadamente feneciam e floresciam. Norfolk estava repleta de gente pobre atrás de reparação para as injustiças cometidas contra eles, e Margaret trabalhava para o filho tal como trabalhara para o marido, com uma única mudança significativa: agora, em vez de fazer confidências ao marido, tomava conselhos ao padre.

Mas internamente houve uma mudança. Parecia que por fim a carapaça dura servira ao seu propósito, e algo sensível, grato e amante dos prazeres se formara por baixo. Seja como for, Sir John, em cartas ao seu irmão John, que estava em casa, desviava às vezes do assunto em pauta para fazer um gracejo, contar uma fofoca ou orientá-lo, cheio de conhecimento e sutileza, sobre como conduzir um caso amoroso. Sê “tão servil com a mãe quanto te aprouver, mas com a donzela não tão servil, nem tão afoito a se alegrar, nem tão triste em falhar. E hei de sempre ser o teu arauto tanto aqui, caso cá ela venha, quanto em casa, quando eu voltar, o que espero à pressa ser em XI dias no máximo”.⁹ E então era preciso mandar trazer um falcão, um chapéu ou enviar novos cadarços de seda para John em Norfolk, que cuidava do processo judicial, treinava seus falcões e dedicava considerável energia, mas não grande honestidade, aos assuntos das propriedades dos Pastons.

As luzes haviam se apagado há muito no túmulo de John Paston. Mesmo assim, Sir John adiava o assunto; nenhuma lápide as substituiu. Tinha lá as suas desculpas; ora, com as questões do processo judicial, e suas obrigações na corte, e o incômodo das guerras civis, todo o seu tempo se via tomado e seu dinheiro, empregado. Mas talvez algo estranho tenha acontecido com o próprio Sir John, e não apenas com o Sir John que flanava por Londres, mas com sua irmã Margery, que se apaixonara pelo meirinho, e com Walter, que compunha versos em latim em Eton, e com John, que treinava seus falcões em Paston. A vida era um pouco mais variada em seus prazeres. Eles não tinham mais tanta certeza quanto a geração anterior dos direitos do homem e dos deveres de Deus, dos horrores da morte e da importância das lápides. A pobre Margaret Paston farejou a mudança e buscou, inquieta, com a caneta que já marchara tão rigidamente por tantas páginas, cortar tais problemas pela raiz. Não era que o processo judicial a entristecesse; ela estava pronta a defender Caister com as próprias mãos se necessário fosse, “embora eu não saiba bem liderar ou comandar soldados”,¹⁰ mas é que havia algo estranho

em sua família desde a morte do seu marido e senhor. Talvez seu filho tivesse falhado nas obrigações com Deus; sido orgulhoso demais ou extravagante demais nas suas despesas; ou talvez tivesse demonstrado misericórdia de menos para com os pobres. Seja qual fosse a culpa, ela sabia apenas que Sir John gastava duas vezes mais do que o pai dele gastara, e com menos resultados; que eles mal conseguiriam pagar suas dívidas sem precisar vender terras, lenha ou objetos da casa (“É a morte para mim pensar nisso”),¹¹ enquanto diariamente as pessoas os maldiziam no campo por terem deixado John Paston sem lápide. O dinheiro que poderia pagar por ela, ou por mais terras e mais taças e tapeçarias, foi gasto por Sir John com relógios e bugigangas e um copista, para que copiasse tratados sobre a ordem da cavalaria e coisas do gênero. Lá estavam eles em Paston: onze volumes, entre eles os poemas de Lydgate e Chaucer, difundindo um ar estranho na casa desolada e sem luxos, convidando os homens à indolência e à vaidade, distraindo seus pensamentos dos negócios e levando-os não apenas a negligenciar seus próprios lucros, mas a menosprezar os deveres sagrados para com os mortos.

38

Pois de quando em quando, em vez de sair com seu cavalo a inspecionar suas plantações ou negociar com os arrendatários, Sir John sentava-se, em plena luz do dia, para ler. Ali, na cadeira dura do quarto sem confortos em que o vento erguia os tapetes e a fumaça ardia seus olhos, ele se sentava para ler Chaucer, desperdiçando o seu tempo com sonhos... ou que estranha intoxicação era aquela que ele obtinha dos livros? A vida era árdua, sem alegrias e frustrante. Os dias de um ano inteiro eram passados inutilmente às voltas com assuntos tediosos, tais como rajadas de chuva nas vidraças. Não havia razão de ser naquilo como houvera para seu pai; nenhuma necessidade imperativa de estabelecer família e adquirir uma posição destacada para filhos que ainda não haviam nascido, ou que, se haviam, não tinham direito a portar o nome do pai. Mas os poemas de Lydgate ou de Chaucer,¹² como um espelho onde as imagens se movem de maneira animada, silenciosa e compacta, mostravam-lhe os mesmos céus, campos e pessoas que ele conhecia, porém harmoniosos e completos. Em vez de aguardar, tomado de inquietação, por notícias de Londres, ou de inferir pelas fofocas da mãe alguma tragédia de amor e ciúmes que se passara no campo, ali, em poucas páginas, jazia a história completa diante dele. E então, ao cavalgar ou sentar-se à mesa, lembrava-se de alguma descrição ou citação que lhe apontava o momento presente e

o fixava, ou alguma sequência de palavras o encantava, e, pondo de lado a pressão do momento, apressava-se a voltar para casa para sentar-se em sua cadeira e descobrir o final da história.

Descobrir o final da história... Chaucer ainda é capaz de nos fazer desejar isso. Nele se destaca esse dom dos contadores de histórias, praticamente o mais raro dom entre os escritores nos dias de hoje. Nada acontece conosco da maneira como acontecia com nossos ancestrais; os eventos raramente são importantes; se os recontamos, não acreditamos muito neles; temos, quem sabe, coisas mais interessantes a dizer, e, por tais motivos, os narradores que são naturalmente talentosos, como o sr. Garnett, e que precisamos diferenciar dos narradores tímidos, como o sr. Masfield,¹³ tornaram-se uma raridade. Pois o narrador, além do tino indescritível para os fatos, deve contar a história com habilidade, sem ênfase ou empolgação indevidas, senão engoliremos o conjunto inteiro e misturaremos as partes; deve nos permitir pausar, dar-nos tempo para pensar e olhar ao redor, porém sempre nos persuadindo a seguir adiante. Em certa medida, Chaucer foi auxiliado nesse quesito pela época em que nasceu; mas, além disso, tinha outra vantagem em relação aos modernos, com a qual os poetas ingleses jamais toparão novamente. A Inglaterra era um país intocado. Os olhos dele repousavam sobre uma terra virgem, toda formada de grama e bosques sem outras interrupções que não as das cidadezinhas e de um ou outro castelo em construção. Nenhum teto de casarão despontava acima das copas das árvores de Kent; nenhuma chaminé de fábrica fumegava nas encostas. O estado dos campos, considerando-se como os poetas recorrem à Natureza e como dela se utilizam para compor suas imagens e seus contrastes, mesmo quando não a descrevem diretamente, é questão de certa importância. O cuidado ou a selvageria para com ela influenciam muito mais profundamente o poeta do que o prosador. Para o poeta moderno, com o tamanho que hoje têm Birmingham, Manchester e Londres, o campo é um santuário de excelência moral, em contraste com a cidade, que é o antro dos vícios. É um retiro, o refúgio da modéstia e da virtude, onde os homens vão se esconder e moralizar. Há algo de mórbido, quase como um distanciamento do contato humano, na adoração da Natureza de Wordsworth, e mais ainda na devoção microscópica que Tennyson¹⁴ derramava sobre as pétalas das rosas e os botões das flores de limão. Mas eram grandes poetas. Nas suas mãos, o país não era uma mera joalheria ou museu de objetos curiosos que precisa ser descrito, de modo ainda mais curioso, com palavras. Poetas menos talentosos, uma vez que a paisagem

está tão degradada e o jardim e a campina devem substituir a monótona urze e a encosta íngreme, agora se veem confinados a paisagenzinhas, a ninhos de aves, a bolotas de carvalho das quais cada traço é trazido à vida. A vastidão da paisagem se perdeu.

Mas, para Chaucer, o campo era amplo demais e selvagem demais para ser agradável. Como se houvesse tido uma experiência dolorosa com a natureza, voltou-se instintivamente das tempestades, dos rochedos, do dia ensolarado de maio e da paisagem prazenteira, do árduo e do misterioso, para o alegre e definido. Sem possuir um décimo do virtuosismo de pintar com as palavras, essa herança moderna, era capaz de retratar em poucas palavras, ou até mesmo, quando reparamos melhor, sem uma única palavra de descrição direta, a sensação do espaço aberto.

Contempla as flores lindas e vicejantes
... e isso basta.¹⁵

40

A natureza, inflexível, indomada, não era nenhum espelho para rostos felizes, ou confessor para almas infelizes. Era ela mesma; às vezes, portanto, desagradável e tediosa, mas sempre apresentando, nas páginas de Chaucer, a consistência e o frescor de uma presença real. Contudo, logo percebemos algo mais relevante do que a superfície animada e pitoresca do mundo medieval: a solidez que o recheia, a convicção que anima as personagens. Há uma variedade imensa nos *Contos da Cantuária*, e, no entanto, por baixo, perdura um tipo consistente. Chaucer tem um mundo próprio; tem seus próprios rapazes; tem suas próprias moças. Se por acaso os encontrássemos perambulando pelo mundo de Shakespeare, saberíamos que eram de Chaucer e não de Shakespeare. Deseja descrever uma garota e assim o faz:

Era só coração e piedade.
Seu bem dobrado véu desce ao pescoço
Porém deixa entrever o belo rosto.
Cinzentos olhos, boca bem rosada,
E um palmo tinha a testa delicada;
Enfim: era mulher alta e vistosa,
E a roupa que vestia, primorosa.¹⁶